

MEIO AMBIENTE

Maior parte dos espaços verdes no Distrito Federal não recebe cuidados do governo. Acúmulo de entulho e presença de invasores atingem áreas como o Burle Marx, na Asa Norte, e o Parque do Guará. Projeto de recuperação das áreas ambientais ainda está em fase inicial e inclui a colaboração da comunidade

Parques precisam de ajuda

Carolina Nogueira
 Marcelo Xavier
 Da equipe do Correio

Os parques distritais de Brasília, áreas que têm importância ambiental e oferecem lazer para a população, precisam de cuidados. A maior parte dos 44 espaços verdes sob responsabilidade do Governo do Distrito Federal nem sequer é regulamentada. Apenas um parque é registrado em cartório, somente cinco conta com fiscalização, 25 não têm área delimitada. Muitos têm problemas com acúmulo de entulho e invasões.

"Quase nenhum dos parques distritais cumpre sua função, a maior parte só está no papel", afirma o presidente do Fórum de ONGs Ambientais, César Victor Espírito Santo. O próprio secretário de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Antônio Barbosa, admite que muito precisa ser feito. "Começamos a trabalhar agora, é um processo lento", afirma. Há dez dias, o GDF lançou o

programa Brasília: Cidade dos Parques para recuperar e preservar os espaços verdes. O projeto prevê a aplicação de R\$ 19 milhões nos próximos dois anos, mas até agora a Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos só conta com R\$ 300 mil, que estão sendo utilizados na recuperação do Parque Olhos D'Água, na Asa Norte.

Os ambientalistas aprovam a iniciativa do governo, mas estão desconfiados. Na quinta-feira, a Câmara Legislativa aprovou o projeto de lei do executivo que extingue o Parque Vivencial do Lago Norte. "É uma incongruência muito grande", critica César Vitor.

Para a coordenadora da Patrulha Ecológica do Fórum de ONGs, Mara Moscoso, a situação mais difícil é a do Parque do Guará ou Ezechias Heringer, no Guará II. "A invasão é tão antiga que tem até criação de gado lá dentro", afirma Mara. Trezentas famílias moram no local, em vilas que têm luz e até coleta de lixo. O carroceiro Abílio Barbosa dos San-

Jefferson Rudy



INVASORES DO PARQUE BURLE MARX ROMPERAM TUBULAÇÃO DE ÁGUA PARA CONSUMO PRÓPRIO E BANHO DE CAVALOS: TRINTA FAMÍLIAS MORAM NA ÁREA AMBIENTAL

tos, 61 anos, é um dos invasores. "O jeito é morar aqui mesmo. Já falei pra gente sair, mas não tenho para onde ir", conta. Segundo o secretário Antônio Barbosa, o GDF precisaria de R\$ 1,8 milhão para desapropriar os invasores do Parque do Guará. Apesar da invasão, a entrada está or-

ganizada, com casa de apoio ao visitante, duas quadras poliesportivas e iluminação.

No parque Ecológico da Asa Norte, também conhecido como Parque Burle Marx, a situação também não é boa. O parque nem sequer tem um portão; as árvores típicas do cerrado estão

misturadas ao mato alto, restos de obras, lixo e muito entulho. A Terracap tenta retirar os invasores — 30 famílias moram no local — mas sempre sem resultado. "Eles vêm, derrubam, e a gente monta de novo", conta Antônio José de Souza, de 43 anos, que mora desde 1978 dentro do par-

que. Carroceiro, Antônio toma banho e lava os cavalos com a água de uma tubulação arrombada ao lado da caixa d'água do parque. "É uma loucura porque aquela água que sai dali vem dos mananciais do Parque Nacional de Brasília", condena Mara Moscoso, do Fórum de ONGs.

O Parque do Cortado, em Taguatinga, está em melhores condições. Não há lixo espalhado nem invasores, mas o mato está alto, trilhas foram apagadas e não existe qualquer atrativo para os visitantes. Segundo os policiais florestais que fazem a guarda do parque, os poucos visitantes são grupos de adolescentes, que se arriscam a tomar banho nos poços sujos formados das nascentes dos córregos poluídos. Os mananciais do local estão quase secos e poluídos por causa do volume excessivo de água e esgoto despejado nos leitos pelas casas e pelo comércio nas proximidades.

PROJETO-PILOTO

O trabalho de preservação dos parques distritais pode ser visto no Parque Olhos D'Água, na Asa Norte, onde o governo pretende fazer uma ciclovia iluminada, pontes, um viveiro e trilhas no parque. "Era importante eles pensarem também em investir na despo-

AOS CUIDADOS DA POPULAÇÃO

O projeto de preservação dos parques distritais prevê a criação dos conselhos gestores, formados por representantes da comunidade. Todos os frequentadores da área poderão compor a administração conjunta do local. "Os parques serão entregues para que as comunidades administrem, o governo só vai cuidar da orientação geral", explica o secretário Antônio Barbosa. "Esse projeto já começa a ser discutido na segunda quinzena de janeiro", anuncia.

lição dos mananciais do parque", alerta Mara Moscoso. "Até março, a parte de lazer está pronta", garante o secretário Barbosa.

O Parque Vivencial Saburo Onoyama, em Taguatinga, teve melhorias. Ainda há restos de construção, vidro, plástico e madeira, mas nada se compara ao ambiente sujo de três meses atrás, quando mais de 1.500 pessoas moravam no local. A invasão, que existia desde 1993, foi removida entre o final de agosto e o início de setembro. Os antigos moradores foram levados para o Recanto das Emas, e uma cerca de alambrado foi construída ao redor do parque para evitar novas ocupações. O parque, que atrai quase cinco mil visitantes todos os finais de semana, tem pequenos bosques para piqueniques, trilhas para caminhada, quadras esportivas, churrasqueiras. As piscinas, no entanto, estão fechadas para manutenção há meses.

"A estrutura é boa, mas daria para fazer muita coisa se os administradores fossem mais inteligentes", diz o estudante Fabrício Cardoso, 23 anos. Na opinião dele, deveria ser cobrado ingresso dos visitantes para melhorar a infra-estrutura.

Para o início do próximo ano, a novidade é a instalação de um conselho gestor dos parques. "Cada comunidade vai administrar seu parque", afirmou Antônio Barbosa. "Só com a iniciativa dos amigos dos parques eles poderão ir para frente", comentou Mara Moscoso.

RETRATO VERDE

SABURO ONOYAMA

Paulo de Araújo



O Parque Saburo Onoyama, em Taguatinga, é recheado de ipês, paineiras, quaresmeiras e nascentes d'água que trazem beleza ao lugar e atraem visitantes aos finais de semana. Também conhecido como Vai-Quem-Quer, o parque tem bosques, trilhas, quadras, play-ground, churrasqueiras e piscinas naturais. Entretanto, na parte de trás do parque, os restos da invasão de mais de 1,5 mil pessoas que habitavam o local até agosto, ainda castigam a paisagem.

PARQUE DO CORTADO

Paulo de Araújo



O Parque do Cortado, que também fica em Taguatinga, é o retrato do abandono. Mato alto, trilhas apagadas e os visitantes não encontram qualquer atrativo. Os únicos que aparecem de vez em quando são grupos de adolescentes, que se escondem no meio da mata para tomar banho nos córregos poluídos do local. Há seis meses, o governador Roriz assinou uma ordem de serviço se comprometendo a construir um Centro de Atletismo Integrado no local.

PARQUE DO GUARÁ

Paulo de Araújo



Uma entrada organizada, com casa de apoio ao visitante, duas quadras poliesportivas e iluminação escondem um cenário completamente diferente no Parque do Guará. Muito lixo espalhado — garrafas plásticas, vidro até pneus de kart — são despejados no parque diariamente por carroceiros que moram no local, alguns há mais de 10 anos. Chácaras ainda mais antigas já são servidas por luz, água e serviço de coleta de lixo.

MUITO A FAZER

44
PARQUES
DISTRITAIS

foram criados por lei no Distrito Federal

25
 nem saíram do papel. Nem sequer têm área delimitada.

R\$ 19
MILHÕES
 serão gastos na revitalização dos parques nos próximos dois anos

300
INVASORES
 ocupam o Parque do Guará, o único regularizado no Distrito Federal